

# ARTES VISUAIS

## Diálogo ao avesso

Laura Belém se inspira em São Paulo doando leveza para a cidade de concreto

**A outra paisagem**  
 Laura Belém

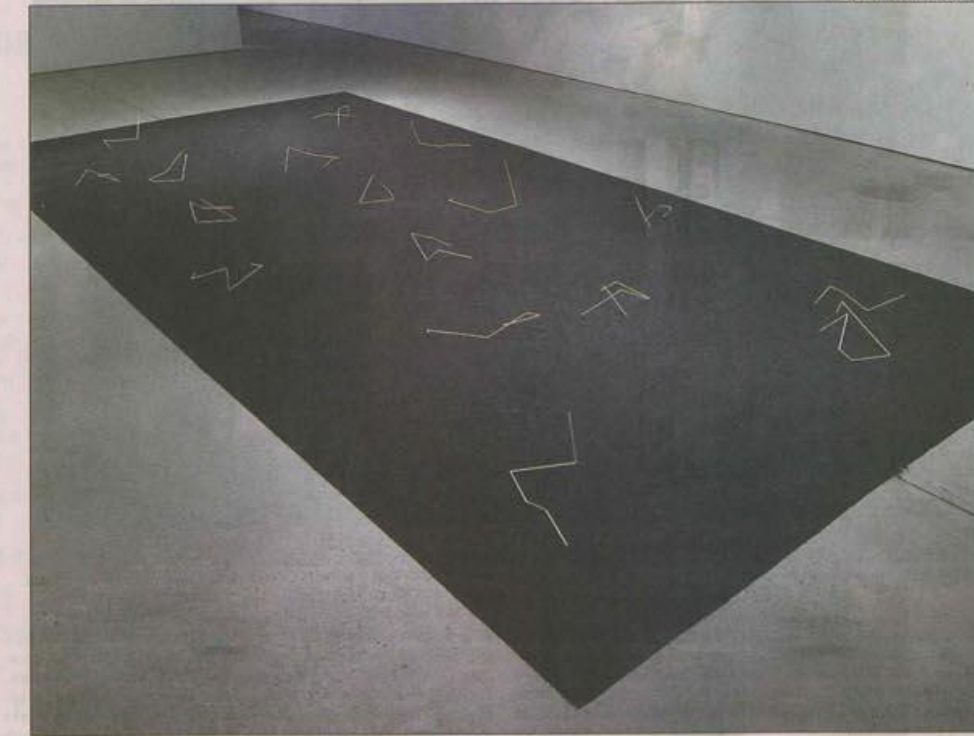
Luisa Duarte

**ARTES**  
**CRÍTICA**

"A outra paisagem": o título da exposição da artista mineira Laura Belém, pouco conhecida no Rio de Janeiro, mas que já esteve em mostras como a Bienal de Veneza, em cartaz na Galeria Luisa Strina, em São Paulo, contém uma sinalização que pode nos levar ao cerne não só do que é importante nessa mostra, mas na obra da artista como um todo.

A chave se encontra na palavra "outra". Uma diferença crucial para pensarmos a mudança de posicionamento da arte diante do mundo da vida na passagem da modernidade para a contemporaneidade é a saída de cena da utopia, e a entrada em cena das heterotopias. Termo forjado por Michel Foucault que quer dizer, literalmente, "outros lugares", mas que pode ser entendido como espécies de "utopias possíveis". Ou seja, no lugar das idealizações, da terra prometida sempre inalcançável, o contemporâneo passa a valorizar as micropolíticas, a dimensão do cotidiano, trabalhando assim com mudanças e aspirações que passam por um nível micro para dialogar com o macro.

Dito isto, conhecendo o percurso da artista, podemos afirmar que Laura Belém vem construindo uma poética que busca, justamente, instaurar em sua obra este tipo de diálogo, levando o público, em momentos como a da presente mostra, a ver e pensar uma cidade, uma paisagem, no caso a de São Paulo, de uma "ou-



"JARDIM DAS ESCULTURAS": na obra, o nobre pó de mármore do tapete se contrapõe aos ordinários canudos de plástico das miniesculturais

tra" forma. Mais próxima e menos distante.

No trabalho "Jardim das esculturas" vê-se ao chão uma espécie de grande tapete cinza escuro. Quando estamos perto percebemos que o mesmo brilha, formando uma espécie de céu no chão. Este é feito a partir de pó de mármore, material nobre usado em esculturas. Encima dessa superfície vê-se uma série de pequenas esculturas,

espécies de réplicas de esculturas modelares, hiperformais, típicas do modernismo. Mas tais módulos são feitos com canudos de plástico, destes mais ordinários, encontrados em qualquer esquina. Ou seja, ocorre aqui uma contraposição entre a nobreza do material que está na superfície e a banalidade intencional da matéria usada para fazer pequenas mimeses de módulos que evocam o moderno.

A exposição como um todo tem inspiração na cidade de São Paulo. Mineira, a artista nos oferta um olhar que possui a vantagem da distância sobre a cidade. Admiradora da arquitetura de Niemeyer, Belém elegu o edifício Copan, marco arquitetônico da capital paulista, como fonte primeira de inspiração para construir essa outra paisagem. Ou seja, a evocação está em São Paulo, cidade

pesada, cuja paisagem é feita de concreto e na qual o tempo corre. O Copan, por sua vez, era, até seis anos atrás, a maior estrutura de concreto armado do mundo. Usando mais uma vez a estratégia do contraste, vemos uma escultura suspensa desde o teto, "A grande onda", na qual estão presentes as curvas características do edifício, as linhas que se sucedem, mas, no entanto, este miniCo-

pan como que flutua sobre nós. Mais parece uma singela lanterna japonesa este Copan que quer alçar voo.

Assim, a artista não representa a cidade, tampouco o prédio, mas sim transfigura ambos. No lugar do peso, a leveza, no lugar da pressa, a pausa que cada trabalho solicita para ser mais do que visto, compreendido. Completam a mostra alguns desenhos/colagens nas paredes, nomeados de "Vistas".

### Um novo olhar para o mundo

Caso seja mirada de longe, a exposição nos traz uma impressão de limpeza e harmonia, características tipicamente modernas, primas do sonho utópico de se construir uma arte que fosse evocação e espelho de uma sociedade justa e igualitária. Mas quando percebemos a torção feita com o diálogo ao avesso com a cidade de São Paulo, apresentada com leveza e calma, e as pequenas esculturas, meticulosamente realizadas e colocadas sobre o pó de mármore, mas que surpreendem o olhar quando vistas de perto por sua fragilidade, por seu material extremamente banal, cotidiano; tudo isso opera a inflexão que genuinamente interessa.

Um olhar para o mundo em que vivemos que nos oferta um novo ponto de vista. Olhar novamente para São Paulo, após a experiência da outra paisagem da artista e, a partir daí, estabelecer um outro diálogo com o que nos rodeia diariamente. A pressa do mundo não precisa ser a nossa pressa. A dureza do mundo, cabe a cada um de nós contrapormos a delicadeza como estratégia de resistência diária. É essa inspiração, nada banal ou ordinária, que nos lega a exposição de Laura Belém e sua obra como um todo. ■

Divulgação/Eduardo Fraipont